

ARTICULAÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS NA “COLÔNIA ALEMÃ” DO RIO GRANDE DO SUL APÓS 1945: A FEDERAÇÃO DOS CENTROS CULTURAIS 25 DE JULHO

René E. Gertz
Doutor em Ciência Política
Ex-professor na PUCRS e na UFRGS; aposentado

As relações entre Brasil e Alemanha, mais seus efeitos sobre a população brasileira de origem alemã, de 1933 a 1945, estão relativamente bem estudadas. Mas ainda é escassa a bibliografia sobre esse mesmo tema naquilo que tange ao período posterior à Segunda Guerra Mundial. Logo após o conflito – antes da reconstituição de um Estado alemão –, uma missão militar brasileira foi enviada à Alemanha ocupada pelos Aliados para cuidar de brasileiros que lá se encontravam bem como de alemães que já tinham vivido no Brasil, e pretendiam retornar.⁵⁵⁸ Mas, abstraindo do livro memorialístico de um participante dessa missão (TAVARES, 1951), provavelmente Méri Frotscher (2013), por enquanto, seja a única historiadora que tratou dos retornados e de novos imigrantes.⁵⁵⁹ Uma tentativa de ajuda material à população alemã, nesses primeiros anos de privação, feita por alemães e descendentes residentes no Brasil, a organização “Socorro Europa Faminta”, foi estudada por Evandro Fernandes (2005; 2015, p. 413-429). A própria história da retomada das relações político-diplomáticas e econômicas entre Brasil e República Federal Alemã – a assim chamada Alemanha Ocidental – foi abordada em apenas poucas obras (BANDEIRA, 1994; OLIVEIRA, 2005).

No senso comum, naturalmente, ocupam espaço considerável supostos ou efetivos resultados menos edificantes da guerra e de seu desfecho sobre o Brasil e sua população de origem alemã. Talvez pela própria persistência de referências a esse assunto, no senso comum, alguns aspectos vêm recebendo atenção de estudiosos. Começando pela fuga de nazistas para a América Latina, após 1945, é verdade que a Argentina sempre esteve, e

⁵⁵⁸ Entre 1948 e 1955, teriam vindo 16.700 alemães para o Brasil (BARBIAN, 2014, p. 189).

⁵⁵⁹ A autora ainda publicou uma série de trabalhos que exploram, em especial, as “memórias” desses migrantes do pós-guerra e de seus descendentes (FROTSCHER, 2011; 2014; 2015; 2018a, 2018b). Veja, também, STEIN/FROTSCHER, 2016.

continua estando, no centro das atenções da opinião pública e também dos estudiosos, mas o tema tem recebido alguma atenção também naquilo que se refere ao Brasil. Nesse sentido, apesar de escassas, temos referências à vinda de cientistas alemães (em especial aqueles dedicados à indústria armamentista) (STANLEY, 1999). Também já existe alguma bibliografia sobre nazistas de certa relevância que de fato viveram no Brasil, na segunda metade do século XX (ABAL, 2014, 2016; CARVALHO, 2015). Em contrapartida, ao menos um estudioso se dedicou aos mitos, às manifestações explicitamente exageradas sobre as dimensões da presença e da ação de nazistas no Brasil, no pós-guerra (MEINERZ, 2013; 2018). Nesta mesma direção, um assunto bem mais estudado é a Editora Revisão, de Siegfried Ellwanger Castan, que funcionou em Porto Alegre, nas décadas de 1980/90, divulgando literatura negacionista e antissemita, podendo, por isso, ser entendida como efeito retardado do nazismo, em pleno final do século XX. Provavelmente pelo fato de o proprietário dessa editora ter sido processado por racismo, numa ação que chegou ao Supremo Tribunal Federal, esse assunto não foi abordado apenas por cientistas sociais e historiadores (LOPEZ, 1992; CRUZ, 1997; LAFER, 2004; JESUS, 2006; 2016; CUNDARI, 2006; SANTOS, 2008; CALDEIRA NETO, 2008; 2009; 2010; VIOLANTE, 2010; MARCHERI/ÁLVARES, 2015; GONÇALVES/CALDEIRA NETO/ANDRADE, 2017). Por fim – e ainda na direção dos efeitos menos edificantes do nazismo sobre o Brasil, no longo prazo –, existem as frequentes referências, na opinião pública, sobre grupos e atos classificados como “neonazistas”. Naquilo que tange especificamente ao Rio Grande do Sul, o autor deste texto publicou trabalhos sobre essa temática (GERTZ, 2012; 2013a).⁵⁶⁰

*

Dentro desse contexto mais geral, venho desenvolvendo, desde algum tempo, um projeto intitulado “o rescaldo da Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul”, no qual – grosso modo – tento verificar, por um lado, a possível continuidade de manifestações e ações negativas em relação à população de origem alemã, tanto por parte de pessoas físicas quanto de agentes de Estado, e, por outro lado, a ação, o comportamento dessa população, ou ao menos de uma parte dela, após os acontecimentos do período da guerra, e depois dela. Já publiquei alguns pequenos trabalhos referentes aos resultados eleitorais imediatamente

⁵⁶⁰ Esses escritos refletem um confronto intelectual não só com o senso comum reproduzido, sobretudo, pela imprensa, mas também com trabalhos acadêmicos, a exemplo de uma dissertação de mestrado de Adriana Abreu Magalhães Dias (2007), uma autora que é invocada com muita frequência como fonte daquilo que é divulgado, na mídia, quanto se trata de números sobre “neonazistas” no “sul” do Brasil.

posteriores à guerra, a instituições eclesiásticas, a tentativas de punição de excessos policiais durante o conflito, a indenizações por danos morais e materiais ocorridos durante o conflito⁵⁶¹, à reconstrução de monumentos etc. (GERTZ, 2013b; 2014; 2015a; 2015b; 2016; 2018). No presente caso, pretende-se realizar uma aproximação à uma organização idealizada por uma elite de origem alemã (sobretudo gaúcha) para mobilizar e representar (oficialmente, no campo “cultural”) a população de origem alemã. Trata-se da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, que atuou durante toda a segunda metade do século XX, tendo desembocado na atual FECAB – Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil.

Como mostram os estudos de Roswithia Weber, o cultivo do “25 de julho” como data simbólica – dia da chegada dos primeiros imigrantes alemães à colônia São Leopoldo, em 1824 – vem desde, no mínimo, 1924, quando foi festejado o primeiro centenário (WEBER, 2004; 2013). Na década de 1930, a mobilização a favor de “nosso dia” tomou novos rumos, certamente impulsionada por dois fatores: a benevolência do governador Flores da Cunha e o contexto internacional derivado da ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha, em 1933. Mesmo que em nível nacional – com destaque para Santa Catarina – tivessem iniciado medidas incisivamente “nacionalizadoras” contra imigrantes e descendentes, logo após a revolução de 1930, o Rio Grande do Sul constituiu uma exceção, onde o então interventor, depois governador eleito, com frequência, destacou seu apreço tanto pela “colônia alemã” quanto pela “italiana”. Nesse momento, um desejo antigo foi satisfeito: a decretação do “25 de julho” como feriado estadual.⁵⁶² Além disso, a tomada do poder pelos nazistas, na Alemanha, trouxe outros efeitos: por um lado, um impulso ao movimento “germanista” (com o qual os defensores do “25 de julho”, via de regra, se identificavam), mas, por outro lado, também, alguns problemas derivados de conflitos efetivos ou potenciais entre a atividade do partido nazista no Brasil (e seus corolários), e lideranças e instituições tradicionais da “colônia alemã”.

Mesmo que o associativismo fosse um fenômeno muito presente entre a população de origem alemã (GERTZ, 2013c), só a Liga de Sociedades Germânicas de Porto Alegre apresentava, em seus estatutos, a pretensão de “representar” o conjunto da população “alemã” (no caso, da Capital), as demais associações espalhadas pelo estado perseguiram objetivos econômicos, sociais, educacionais, recreativos, culturais, religiosos etc. em favor de setores

⁵⁶¹ Sobre esse tema específico, apesar de tratar do extremo sudoeste de Santa Catarina, cabe referir a publicação recente de Leandro Mayer (2017), que tem muito a ver com o Rio Grande do Sul.

⁵⁶² Em 21 de maio de 1951, o deputado Wolfram Metzler apresentou, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, um projeto que abriria uma brecha para que os municípios pudessem decretar essa data como feriado, mas, aparentemente, ele nunca chegou a ser votado (ROTERMUND, 1964, p. 1).

específicos. A partir da mobilização pelos festejos do “25 de julho”, em 1934, quando se completavam 110 anos de imigração alemã, foi criada uma “*Arbeitsgemeinschaft 25. Juli*” (“Comissão Pró-25 de Julho”), que congregou a citada Liga, mais seis outras associações de longa tradição regional (GERTZ, 1987, p. 97-100). Entre outras atividades, em 1936, essa comissão publicou um livro sobre a história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, tanto em versão alemã quanto em portuguesa (ARBEITSGEMEINSCHAFT..., 1936: CENTRO..., 1936).⁵⁶³

Mesmo que faltem estudos para acompanhar a trajetória dessa Comissão, seus contatos e seus vínculos, fato é que em 3 de maio de 1936 foi criada, no Rio de Janeiro, uma Federação 25 de Julho. Em suas manifestações públicas, fez elogiosa referência expressa à “Comissão” do Rio Grande do Sul, insistindo, porém, na necessidade de dar uma amplitude maior às tarefas a serem enfrentadas. E essas tarefas seriam, basicamente, três: “irrestrita solidariedade em relação à pátria brasileira”; “representação de todos os interesses teuto-brasileiros”; “aprofundamento e cultivo da amizade entre Brasil e Alemanha” (GERTZ, 1987, p. 98). A Federação, aparentemente, foi uma tentativa de compromisso entre as várias instâncias envolvidas, tanto da representação diplomática alemã quanto do partido nazista quanto de uma elite da “colônia alemã” no Brasil – neste sentido, figuras de destaque, como os políticos Lindolfo Collor e Marcos Konder, constaram entre os signatários da causa. Também a história dessa entidade ainda precisa ser estudada de forma mais detalhada. Fato é que, dentro da turbulência causada pela tentativa de derrubada de Getúlio Vargas, em maio de 1938, por integralistas e outros opositores, foi preso, e morreu na prisão, o secretário-geral da Federação, Frederico Colin Kopp. O episódio não foi desimportante para as então já tensas relações político-diplomáticas brasileiro-alemãs (MENEZES, 2011).⁵⁶⁴ Com isso, essa organização e a tentativa de criação de uma instância representativa dos alemães e descendentes no Brasil desapareceu do noticiário.

Claro, todo processo histórico é tortuoso, com idas e vindas, mas tentarei desenhar o caminho que levou à fundação de uma nova associação pretensamente representativa dos interesses da população de origem alemã, cerca de seis anos após o final da guerra. Como já referido, um dos primeiros registros de articulação na “colônia alemã” no pós-guerra foi a SEF – Socorro Europa Faminta. Ainda que interconfessional, congregando católicos e

⁵⁶³ Como editora do livro, a “*Arbeitsgemeinschaft...*” está identificada, na edição em português, como “Centro 25 de Julho”.

⁵⁶⁴ Para maiores detalhes sobre o episódio da prisão e morte de Kopp, cf. HARMS-BALTZER, 1970, p. 63-94; SEITENFUS, 2000, p. 148-153.

luteranos – como já acontecera na Comissão Pró-25 de Julho, nos anos 1930 –, tanto na iniciativa originária quanto na liderança predominaram católicos, com destaque especial para o padre jesuíta Balduino Rambo.⁵⁶⁵ Segundo Glen Godman, este aproveitou a oportunidade para fazer daquilo que era apresentado e recomendado como “ajuda para a Europa” uma “ajuda para si mesmo”, no sentido de calcular cada detalhe da estratégia de execução, a fim de reconstruir a “germanidade” gaúcha e brasileira, consolidando-a “internamente”, numa aproximação entre católicos e luteranos, mas também ressignificando sua inserção na sociedade brasileira em geral. A grande “festa popular” de encerramento da campanha, a 1º de maio de 1949 (poucas semanas antes de a imigração alemã completar 125 anos), teria sido vivenciada como fantástica por Rambo (GODMAN, 2015, p. 113-154).⁵⁶⁶

Nas eleições de 1947 para a Assembleia Legislativa gaúcha, apesar das referências ao esforço dos luteranos para eleger representantes seus (GERTZ, 2013d), faltam estudos precisos sobre a representatividade dos sobrenomes alemães em termos religiosos.⁵⁶⁷ Mas alguns deputados luteranos se destacaram como defensores dos interesses da população de origem alemã – a exemplo de Bruno Born, que, já em 1947, discursou por ocasião do “25 de julho”, e publicou seu discurso (BORN, 1948), ainda que, como mostrou Roswithia Weber (2004, p. 125-128), as referências dele próprio e de outros deputados, nesta ocasião, se caracterizassem por malabarismos linguísticos, numa tentativa de evitar referências expressas à “etnia” ou à “cultura” dos “colonos”, destacando, antes, a atividade produtiva de imigrantes e descendentes de diversas origens. Mais tarde, Born manifestou preocupação em relação aos problemas enfrentados para a reconstrução do monumento ao imigrante de São Leopoldo, depredado durante o conflito (BORN, 1950).⁵⁶⁸ De qualquer forma, a presença de significativo número de representantes parlamentares de origem alemã no legislativo estadual de 1947 a 1951 certamente ajudou a firmar a autoconfiança entre integrantes da “colônia alemã”. Além disso, o governador Walter Jobim era casado com uma Niederauer, e costuma ser apresentado como amigo da “colônia”.⁵⁶⁹

⁵⁶⁵ Essa impressão deriva dos detalhes das tratativas sobre o envio dos produtos arrecadados descritos por FERNANDES, 2015, p. 413-429. Constatar esse predomínio católico na liderança, obviamente, não significa que se esteja sugerindo que a contribuição efetiva de católicos tenha sido maior que a de luteranos. Isso precisaria ser estudado.

⁵⁶⁶ Evandro Fernandes (2005, p. 142-143) manifestou opinião semelhante.

⁵⁶⁷ Otto Alcides Ohlweiler, por exemplo, foi eleito pelo PCB, de forma que não faz muito sentido perguntar qual confissão religiosa estaria “representando”.

⁵⁶⁸ Por falta de espaço, deixa-se de fazer referência à ação de deputados católicos, como Wolfram Metzler.

⁵⁶⁹ *Brasil-Post*, São Paulo, 16 de fevereiro de 1951, p. 6.

Recorrendo mais uma vez a Roswithia Weber (2004), pode-se afirmar que o contexto brasileiro ficara um pouco mais benevolente, com alguns políticos fazendo discursos favoráveis aos “alemães” – ainda que, por muito tempo, também continuassem manifestações e atos contra eles⁵⁷⁰ –, de forma que os festejos do “25 de julho” de 1949 fossem mais descontraídos e intensos que em 1947 e 1948 – afinal, era o 125º aniversário. Após a criação da República Federal Alemã, em maio de 1949, as relações diplomático-políticas com o Brasil foram restabelecidas, em 1950. Internamente, neste mesmo ano, foram proferidas as primeiras sentenças judiciais determinando indenizações por parte do estado a alemães e descendentes cujas propriedades haviam sido depredadas durante os protestos de agosto de 1942.⁵⁷¹ Nas eleições de 1950, candidatou-se, pela primeira vez na história do estado, um cidadão brasileiro de sobrenome alemão ao cargo de governador, Edgar Luiz Schneider. Também foram eleitos quatro deputados federais de sobrenome alemão com histórico de relativa identificação com a “colônia”.⁵⁷²

Ainda que não possa apresentar documentos que provem que tenha havido um planejamento simultâneo e conjunto, não há dúvida de que, neste contexto, em torno de 1950, líderes da “colônia” tenham decidido criar duas instâncias destinadas a representar e defender os interesses da população de origem alemã.⁵⁷³ A primeira delas foi um jornal. A grande “imprensa política” de língua alemã existente nos estados do sul do Brasil até a guerra não ressurgiu depois do conflito.⁵⁷⁴ Naquilo que tange ao Rio Grande do Sul, por exemplo, ressurgiram “folhas” eclesiásticas, e alguns jornais em português começaram a publicar encartes em alemão, mas jornais “efetivos” em alemão não mais apareceram, e continuam desaparecidos até hoje. Somente em São Paulo, um encarte em alemão no *Jornal de Notícias*,

⁵⁷⁰ Em discurso na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, a 26 de junho de 1950, o deputado Bruno Born (1950) afirmou que “há poucos dias, explodiu uma manifestação de ódio contra os descendentes de imigrantes alemães”.

⁵⁷¹ Não significa que todos os problemas nessa linha tenham sido resolvidos. Em 1950, o Congresso Nacional aprovou uma legislação referente à liberação dos bens dos “súditos do Eixo”, confiscados por lei de 1942, mas ela não foi geral e irrestrita, de forma que caberia verificar a evolução dessa questão.

⁵⁷² Germano Dockhorn, Nestor Jost, Willy Fröhlich, Wolfram Metzler.

⁵⁷³ A afirmação é mantida vaga em termos geográficos, pois há indícios de que as pessoas mais engajadas tenham sido representativas do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, mas indivíduos de outros estados também participaram.

⁵⁷⁴ Utiliza-se a expressão “imprensa política”, aqui, para designar a imprensa de língua alemã no Brasil que, de fato, não se distinguia daquilo que se conhece como “grande imprensa” de língua portuguesa, isto é, basicamente, jornais “normais”. Ela se distinguia de uma “pequena imprensa”, ligada a igrejas, a instituições sociais, recreativas, culturais etc., por exemplo. Isso, obviamente, não significa que essa “imprensa política” não pudesse representar interesses e grupos ligados a determinadas confissões religiosas. Para exemplificar, *Deutsches Volksblatt* estava claramente ligado a interesses católicos, enquanto *Deutsche Post* (desaparecida em 1928), estava intimamente ligada a interesses luteranos, e como tais traziam, com frequência, notícias sobre suas respectivas instituições eclesiásticas, mas não se tratava de “folhas” eclesiásticas.

desde outubro de 1946, deu origem a um novo jornal, em 1947, as *Deutsche Nachrichten* (Notícias Alemãs) (WOLFF, 2010, p. 156). Além de questões pessoais, isso pode ter influenciado a decisão de criar, no mesmo estado, um jornal com pretensões de representar os interesses dos “alemães” de todo o Brasil.

A figura central desse empreendimento, sua concretização e sua manutenção, numa primeira fase que vai até 1959, foi Carlos Henrique Oberacker (SUDHAUS, 1989/1990; DREHER, 2014b). Ele nasceu em 1910, em Arroio do Padre, interior do Rio Grande do Sul; no início dos anos 1930, foi estudar Teoria Econômica em Heidelberg, formando-se em 1934; em 1936, doutorou-se com uma tese de enfoque eminentemente “germanista” sobre “a situação étnico-política da germanidade no Rio Grande do Sul”.⁵⁷⁵ Depois, voltou ao Brasil, tornando-se redator-chefe do importante jornal *Der Urwaldsbote*, de Blumenau, já dentro do espaço cronológico da crise desencadeada com a política de “nacionalização”; atritou-se com autoridades catarinenses, sendo expulso do estado em 1939, quando foi para São Paulo para ser diretor da *Deutsche Zeitung* de lá (WOLFF, 2010, p. 163). Em 1950, Oberacker, acompanhado de Otto Braun (alemão residente em São Paulo, que, segundo a historiografia, fora tesoureiro da seção paulista do Partido Nazista [DIETRICH, 2007, p. 78]) e de Oscar Schrappe (integralista nos anos 1930, filho do tesoureiro da seção paranaense do Partido Nazista, Max Schrappe [ATHAIDES, 2018, p. 87-88])⁵⁷⁶, fez uma viagem pelo sul do Brasil, em especial pelo Rio Grande do Sul, para manter contato com empresários dispostos a assumir o compromisso de publicar anúncios pagos num novo jornal de língua alemã a ser lançado em São Paulo. Há registros de que ele teve sucesso junto a 103 pessoas/empresas, com destaque para A. J. Renner, conhecido empresário luterano de Porto Alegre, e Fritz Rotermund, filho do pastor Wilhelm Rotermund, fundador do Sínodo Riograndense, a mais importante instituição eclesiástica luterana no Brasil, e um dos diretores da empresa gráfico-editorial de mesmo nome (DREHER, 2014a).⁵⁷⁷ Com essa cobertura financeira, foi criada, em 28 de setembro de 1950, com sede em São Paulo, a Editora Dona Leopoldina Ltda.⁵⁷⁸ E em 1º de dezembro, apareceu a primeira edição da *Brasil-Post* (WOLFF, 2010, p. 164). Se as

⁵⁷⁵ *Die volkspolitische Lage des Deutschtums in Rio Grande do Sul.*

⁵⁷⁶ Ainda em 1960, o consulado alemão em São Paulo considerou que “Oberacker, provavelmente, nunca virá a compreender que baixeza moral o período de Hitler representou para a vida do povo alemão” (BARBIAN, 2014, p. 277).

⁵⁷⁷ Outras fontes ainda citam os nomes dos gaúchos luteranos Bruno Born e Manfred Sudhaus, além do luterano catarinense Ingo Hering, como envolvidos na fundação da *Brasil-Post* (BARBIAN, 2014, p. 272).

⁵⁷⁸ O nome “Leopoldina”, obviamente, lembrava a primeira imperatriz brasileira, de origem “alemã” (na verdade austríaca), e o próprio nome do município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, cujo início, por sua vez, tinha tudo a ver com a “ideia do 25 de julho”, o “25. Juli-Gedanke”.

Deutsche Nachrichten eram diárias, com uma edição de 25.000 exemplares, *Brasil-Post* era apenas semanal, mas como se propunha a representar os interesses da população de origem alemã de todo o Brasil, já em 1951 teria conseguido atingir o número de 15.000 assinantes (BARBIAN, 2014, p. 272).

Na edição de 6 de julho de 1951 (p. 6), *Brasil-Post* noticiou que no dia 22 de junho havia sido decidido registrar os estatutos de um Centro Cultural 25 de Julho, em Porto Alegre, desdobramento do *Kulturzentrum 25. Juli*, criado em 21 de dezembro de 1949. Os signatários da proposta foram os luteranos Fritz Rotermund, Otto Renner, Bruno Born, Theo Kleine, Klaus Becker, mais os católicos Balduino Rambo (padre jesuíta) e Leopoldo Petry.⁵⁷⁹ Na edição de 12 de outubro de 1951 (p. 5), está a notícia de que a fundação oficial ocorreu em 7 de agosto do mesmo ano. Segundo a notícia, seu objetivo era cultivar o 25 de julho (“nosso dia”), comemorar festas brasileiras, festejar o natal no sentido alemão, promover palestras culturais (em português e alemão). Numa notícia da edição de 19 de outubro de 1951 (p. 6), informava-se que a primeira assembleia geral do centro ocorrera no dia 9 do mesmo mês, e que, nela, fora enfatizado que o destaque no nome seria a palavra “cultural”. Também se falou da existência de estatutos de uma Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Na edição de 4 de janeiro de 1952 (p. 5), foi publicada uma matéria relativamente longa sobre a Federação, informando que ela ainda não possuía estatutos totalmente definidos nem registrados, mas que seu espírito era “cultural” (não político nem econômico nem esportivo), e se destinaria a promover festejos do 25 de julho, estudar a história da imigração alemã, divulgar bibliografia pertinente a ela. Provisoriamente, a Federação contava com a seguinte diretoria: Leopoldo Petry (presidente), Otto Renner (vice), Fritz Rotermund (secretário), Klaus Becker (tesoureiro); como conselheiros foram citados: Bruno Born, Balduino Rambo, Theo Kleine e Albano Volkmer.⁵⁸⁰ Em 3 de maio de 1952, em texto de Klaus Becker, *Brasil-Post* (p. 5) informou que os estatutos da Federação haviam sido registrados.

Estas são notícias encontradas no jornal *Brasil-Post* sobre a fundação da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Uma narrativa com mais detalhes pode ser vista na tese de doutorado de Glen Goodman (2015, p. 156-185). Nikolaus Barbian (2014, p. 221) acrescenta que a Federação foi criada como “organização guarda-chuva” (*Dachverband*), para todo o Brasil, mas sua atuação se concentraria no sul do Brasil. O mesmo autor afirma que as

⁵⁷⁹ Ainda que possam ter ocorrido alguns desencontros entre os Rotermund e Petry no contexto do processo de emancipação de Novo Hamburgo, na segunda metade da década de 1920, parte significativa dos livros deste foram publicados por aqueles (PETRY, 1948, 1950); outros foram publicados pela tradicional e católica Tipografia do Centro (PETRY, 1949).

⁵⁸⁰ Como o nome de Volkmer ainda não foi referido e qualificado, destaque-se que era militante católico.

peessoas que escreviam na *Brasil-Post* se ocupavam, sobretudo, com a preservação e o ensino da língua alemã, a restauração das associações teuto-brasileiras, o papel dos “teuto-brasileiros” na história do Brasil ou a reivindicação de direitos de minoria. “Os ‘teuto-brasileiros’ deveriam sentir-se juridicamente como brasileiros, mas culturalmente como ‘alemães’”. “Exatamente estes mesmos objetivos eram perseguidos pela Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Ela fora criada em 1951, em São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, como unificação de diversas associações culturais alemãs que haviam derivado dos esforços dos emigrantes alemães e de seus descendentes no Brasil em favor da faminta ‘velha pátria’”. “O objetivo era lutar contra a opressão, e a favor da manutenção da língua e da cultura alemãs” (BARBIAN, 2014, p. 272). Segundo Martin Wolff (2010, p. 282), a sugestão prática do grande idealizador – não da Federação, mas da *Brasil-Post* – Carlos Henrique Oberacker foi no sentido de que aquela incentivasse grupos de canto, de ginástica, de teatro, de entretenimento em geral, publicasse livros e hinários.

Apesar das referências à importância do movimento em torno do “Socorro Europa Faminta” para desencadear uma rearticulação nas “colônias alemãs”, após os traumáticos anos da guerra, ao menos entre uma elite (GODMAN, 2015, p. 113-154), a história que levou aos Centros Culturais e à fundação de uma Federação para congregar os mesmos não transcorreu de forma linear.⁵⁸¹ Como foi visto, não há dúvida de que, neste movimento desencadeado logo depois da guerra, as ações iniciais e seu desdobramento tiveram como personagens centrais cidadãos católicos, mesmo que os luteranos estivessem presentes. Inversamente, naquilo que tange à fundação da *Brasil-Post* e da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, também não há dúvida de que importantes figuras do catolicismo tiveram papel de destaque (Balduino Rambo e Leopoldo Petry não requerem apresentação de maiores detalhes, mas também Albano Volkmer foi uma figura importante, com vinculação tradicional à católica União Popular; há ainda referências à participação do comerciante católico porto-alegrense Carlos Oscar Kortz [KLEINE, 2008]). Mas a impressão que se tem a partir das fontes é que nessas duas últimas iniciativas o papel central coube a luteranos, luteranos militantes. Assim como em relação à fundação da *Brasil-Post* teria havido uma promessa do empresário luterano A. J. Renner em dar uma contribuição financeira significativa mediante a

⁵⁸¹ Num debate posterior entre diplomatas alemães no Brasil sobre a idoneidade da Federação, o primeiro cônsul alemão do pós-guerra em Porto Alegre, instalado a 1º de setembro de 1952, Rudolf Pamperrien, afirmou que no Rio Grande do Sul ela era “dirigida por gente totalmente íntegra, como Rotermund e Rambo, os quais estão livres de quaisquer pretensões políticas, e no passado, se engajaram na ajuda à Alemanha faminta” (BARBIAN, 2014, p. 273), também sugerindo que a mobilização em torno da S. E. F. tinha funcionado como catalizador da rearticulação étnica da população de origem alemã, por aqui (grifo meu – REG).

publicação de anúncios, uma carta de 13 de junho de 1951 relata que, em uma reunião realizada em 21 de março de 1950, o empresário igualmente luterano Benno Frederico Mentz se teria comprometido a contribuir com 1.000 contos para a retomada do “movimento 25 de julho”, tendo, inclusive, instituído Fritz Rotermund para presidi-lo.⁵⁸² Quanto às demais figuras de destaque desse “movimento”, temos: o próprio Rotermund, o “pai do movimento 25 de julho”, era filho do pastor Wilhelm Rotermund, fundador do Sínodo Riograndense, cuja empresa gráfica-editora produzia a maioria do material impresso para o sínodo; Carlos Henrique Oberacker (mesmo que aqui fosse apenas colaborador à distância) era filho de pastor, Klaus Becker também; Theo Kleine era filho de comerciante, mas estudara no Instituto Pré-Teológico, em São Leopoldo, da mesma forma que os dois anteriores, podendo os três serem considerados, por isso, discípulos do pastor Hermann Dohms, sem dúvida o maior teórico do “germanismo” no Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX. Bruno Born⁵⁸³ também era filho de comerciante, e ele próprio foi empresário com atividade em diversos ramos; mas sua mãe, Maria Emília Haesbert, era neta do pastor Johann Peter Haesbert, um dos pioneiros do luteranismo no Rio Grande do Sul; tanto seu pai quanto sua mãe foram militantes na comunidade evangélica [de confissão] luterana, em Lajeado, que ajudaram a fundar, além do pai ter sido tesoureiro da mesma, durante 45 anos; ele próprio foi diretor da escola dessa comunidade, entre 1923 e 1934, quando passou o cargo a seu irmão Walter⁵⁸⁴; uma tia materna foi casada com o pastor Wilhelm Wiehe.⁵⁸⁵ Otto Renner também era luterano.⁵⁸⁶

*

⁵⁸² Carta de Fritz Rotermund a Benno Frederico Mentz, de 13 de junho de 1951 (Acervo Benno Mentz, DELFOS/PUCRS). Trata-se de uma carta amarga de Rotermund, pelo fato de que Mentz não teria cumprido a promessa. Em carta de 15 de junho, Mentz tentou justificar-se. Apesar da escassez das fontes, parece que aqui aconteceu um conflito de interesses, pois Mentz mantinha o Instituto Beneficente e Genealógico Frederico Mentz, e se deu conta de que o investimento prometido à Federação não renderia o retorno inicialmente imaginado. (Agradeço a Rosângela Cristina Ribeiro Ramos pelo fornecimento dessas cartas).

⁵⁸³ A figura de Bruno Born, aparentemente, foi muito importante, nesse empreendimento, pois ele acaba sucedendo Leopoldo Petry como presidente da Federação, enquanto Rotermund foi secretário-geral (até 1956).

⁵⁸⁴ Essa escola é o atual Colégio Evangélico Alberto Torres.

⁵⁸⁵ Dados fornecidos pelo próprio Born, em carta de 9 de março de 1956 a Fritz Rotermund (Arquivo Rotermund, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

⁵⁸⁶ Otto Renner era filho do luterano A. J. Renner, que foi apontado, segundo vimos, como um dos empresários que se comprometeram com a publicação de anúncios para viabilizar a *Brasil-Post*. Na década de 1950, um irmão de Otto, Herbert, foi presidente da Comunidade Evangélica [de confissão luterana] de Porto Alegre (CEPA), e ela mantém, até hoje, um Centro Social Mathilde Renner, esposa de A. J. e mãe dos outros dois citados.

Infelizmente, a necessidade de arrolar uma extensa bibliografia fez com que o espaço para o texto propriamente dito ficasse reduzido. Com isso, não foi possível atingir os objetivos iniciais deste trabalho, pois, a rigor, aquilo que se escreveu até este ponto tinha sido imaginado, originalmente, como “preâmbulo” para o aprofundamento de um aspecto bem específico do “movimento 25 de julho” representado pela Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Que o leitor o entenda assim, e aguarde a publicação da sequência deste texto, em outro lugar.

Referências

- ABAL, Felipe Cittolin. *Nazistas no Brasil e extradição: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico-jurídica*. Curitiba: Juruá, 2014.
- _____. *O oscilar da balança: o processo decisório na extradição de fugitivos nazistas em uma análise histórico-jurídica*. Tese (Doutorado em História), Universidade de Passo Fundo, 2016.
- ARBEITSGEMEINSCHAFT 25. Juli in Rio Grande do Sul (ed.). *Kurze Geschichte der deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond, 1936.
- ATHAIDES, Rafael. O Partido Nazista e a Ação Integralista Brasileira no Paraná (1933-1937). In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCAS, Taís Campelo (orgs.). *Expressões do nazismo no Brasil: partido, ideias, práticas e reflexo*. Salvador: Saggá Editora, 2018, p. 73-92.
- BANDEIRA, Moniz. *O milagre alemão e o desenvolvimento do Brasil: as relações com o Brasil e a América Latina (1949-1994)*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.
- BARBIAN, Nikolaus. *Auswärtige Kulturpolitik und „Auslandsdeutsche“ in Lateinamerika 1949-1973*. Wiesbaden: Springer VS, 2014.
- BORN, Bruno. *Discurso pronunciado na sessão comemorativa do “Dia do Colono” em 25 de julho de 1947, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond, 1948.
- _____. *Em torno do monumento ao imigrante alemão*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1950.
- CALDEIRA NETO, Odilon. Negacionismo e antissemitismo nos textos da Editora Revisão. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria: UFSM, n. 11, 2008.
- _____. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da História. *Antítese*, Londrina: UEL, vol. 2, n. 4, p. 1097-1123, 2009.
- _____. Entre a WEB, os textos e as ruas: práticas antissemitas no Brasil contemporâneo. *Akrópolis*, Umuarama: UNIPAR, vol. 18, n. 1, p. 25-36, 2010.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *O homem dos pedalinhas: Herberts Cukurs, o Estado brasileiro e a questão dos criminosos nazistas no Brasil do pós-guerra (1945-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- CENTRO 25 DE JULHO (ed.). *História da colonização alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond, 1936.
- CRUZ, Natalia dos Reis. *Negando a História: a Editora Revisão e o neonazismo*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

CUNDARI, Paula Casari. *Limites da liberdade de expressão: imprensa e judiciário no “caso Editora Revisão”*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Campinas, 2007.

DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/FAPESP, 2007.

DREHER, Martin Norberto. *Wilhelm Rotermund: seu tempo – suas obras*. São Leopoldo: Oikos, 2014a.

_____. Carlos Henrique Oberacker Júnior. *Martius-Staden Jahrbuch*, São Paulo: Institut Martius-Staden, vol. 60, p. 131-139, 2014b.

FERNANDES, Evandro. *SOS Europa Faminta: Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. *Guilherme Gaelzer Neto (1874-1959): o Kaiser dos trópicos*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FROTSCHER, Méri. Memórias de guerra y del nazismo en dos generaciones de descendientes de alemanes repatriados a Brasil. *Historia, Voces e Memoria*, Buenos Aires, n. 3, p. 49-78, 2011.

_____. De “alemães no exterior” a brasileiros? A repatriação de cidadãos brasileiros da Alemanha ocupada (1946-1949). *História Unisinos*, São Leopoldo: UNISINOS, vol. 17, n. 2, p. 81-96, 2013.

_____. Als Nationalsozialist tat ich jederzeit unter schwersten persönlichen Opfern meine Pflicht. Autobiographische Erzählung eines Rückwanderers aus Brasilien im institutionellen Kontext. *Bios*, Leverkusen, vol. 26, p. 129-143, 2014.

_____. Memórias do nazismo e da guerra em duas gerações de descendentes de alemães repatriados para o Brasil. *Fronteiras*, Florianópolis, vol. 26, p. 23-49, 2015.

_____. Uma cinzenta falta de esperança paira sobre todos nós: uma análise de cartas de mulheres e homens com intenção de emigrar da Alemanha para o Brasil (1946-1950). *Revista de História*, São Paulo: USP, n. 177, p. 1-38, 2018a.

_____. Migrantes, refugiados, deportados, retornados: experiências, possibilidades e desafios da História Oral. In: RUGGIERO, Antonio de (org.). *A voz do imigrante: memórias e oralidade nos estudos históricos das migrações*; Porto Alegre: Editora Fi, 2018b, p. 89-113.

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *O neonazismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS/AGE, 2012.

_____. **De Otto von Bismarck a Angela Merkel: do 'perigo alemão' ao 'neonazismo' no Brasil**. *História: questões e debates*, Curitiba: UFPR, vol. 58, n. 1, p. 89-112, 2013a.

_____. **A guerra que ainda não acabou: a população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial**. In: HEINSFELD, Adelar; RECKZIEGEL, Ana Luíza Setti; MACHADO, Ironita A. Policarpo (orgs.). *Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional (2013)*. Passo Fundo: UPF, 2013b.

_____. O associativismo entre alemães e descendentes no Rio Grande do Sul. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013c, p. 25-50.

_____. Luteranos gaúchos e política brasileira ao final da Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, vol. V, número especial, 2013d.

_____. **O pós-guerra nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul (1945-1955).** In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). *Festas, comemorações e lembranças na imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2014, p. 1593-1608.

_____. **Descendentes de alemães no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial.** In: *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis: ANPUH, 2015a.

_____. **O mundo colonial gaúcho e a política regional após 1945.** In: *Anais Eletrônicos do III Congresso Internacional de História Regional*. Passo Fundo: UPF, 2015b.

_____. **Política, religião e etnia: vida religiosa nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul durante a Segunda Guerra Mundial e no imediato pós-guerra.** In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio; SANTOS, Rodrigo Luis dos (orgs.). *Migrações: religiões e religiosidades*. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2016, p. 953-967.

_____. **A sombra da Segunda Guerra Mundial sobre o Rio Grande do Sul.** In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCAS, Taís Campelo (orgs.). *Expressões do nazismo no Brasil: partido, ideias, práticas e reflexos*. Salvador: Sagga Editora, 2018, p. 214-231.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon; ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. Neonazismo e transição democrática: a experiência brasileira. *Anuário IEHS*, Tandil: Universidad Nacional del Centro, vol. 32, n. 2, p. 221-240, 2017.

GOODMAN, Glen S. *From “German danger” to German-Brazilian President: immigration, ethnicity, and the making of Brazilian identities, 1924-1974*. Tese (Doutorado em História) – Emory University, Atlanta, Estados Unidos, 2015.

HARMS-BALTZER, Käte. *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihre Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1930-1938*. Berlim: Colloquium Verlag, 1970.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003)*. Assis: UNESP, 2004.

_____. Revisão Editora e o integralismo: antissemitismo como estratégia de discurso: In: SILVA, Giselda Silva; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício (orgs.). *História da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 303-334.

KLEINE, Gerhard Rudolf. Associação Cultural Gramado – Casa da Juventude como polo cultural no sul do Brasil e projeto de preservação do patrimônio cultural. In: *VI Encontro das Comunidades Alemãs da América Latina*. Juiz de Fora, 2008.

LAFER, Celso. Parecer – o caso Ellwanger: antissemitismo como crime da prática do racismo. *RIL – Revista de Informação Legislativa*, Brasília, vol. 41, n. 162, p. 53-89, 2004.

LOPEZ, Luiz Roberto. *Do Terceiro Reich ao novo nazismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

MARCHERI, Pedro Lima; ÁLVARES, Silvio Carlos. A epistemologia do racismo no Brasil. *RIL – Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 52, n. 208, p. 149-166, 2015.

MAYER, Leandro. *O retrato da repressão: as perseguições no oeste de Santa Catarina durante o Estado Novo (1937-1945)*. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2017.

MEINERZ, Marcos Eduardo. *O imaginário da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial (1960-1970)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

_____. “*O Reich de mil anos*”: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MENEZES, Albene Miriam. Tensão política entre o Brasil e a Alemanha, o pulsar dos acontecimentos em 1938. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011.

OLIVEIRA, Ione. *Aussenpolitik und Wirtschaftsinteresse in den Beziehungen zwischen Brasilien und der Bundesrepublik Deutschland 1949-1966*. Frankfurt/M: Peter Lang, 2005.

PETRY, Leopoldo. *O 25 de julho (Dia do Colono) em 1946 e 1947*. São Leopoldo: Oficina Gráfica Rotermund, 1948.

_____. *Der 25. Juli (Dia do Colono)*. Porto Alegre: Tipografia do Centro S. A., 1949.

_____. *O 125º aniversário da colonização alemã no Rio Grande do Sul: 25 de julho de 1949 (dia do colono): coletânea de discursos e comentários sobre a colonização no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund, 1950.

ROTERMUND, Fritz. *25 de julho de 1824: seu sentido nacional e reflexo sobre a vida política, social, cultural do país*. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1964.

SANTOS, Elza Helena Lourenço Gomes dos. Negacionismo no Brasil: as obras de S. E. Castan. In: *Anais do XIII Encontro de História Anpuh-Rio*. Rio de Janeiro, 2008.

SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

STANLEY, Ruth. *Rüstungsmodernisierung durch Wissenschaftsmigration? Deutsche Rüstungsfachleute in Argentinien und Brasilien 1947-1963*. Frankfurt: Vervuert, 1999.

STEIN, Marcos Nestor; FROTSCHER, Méri. Histórias de vida e memórias familiares: entrevistas com netos de refugiados da II Guerra Mundial no Brasil. *História Unisinos*, São Leopoldo: UNISINOS, vol. 20, n. 3, p. 311-325, 2016.

SUDHAUS, Fritz. Der deutschbrasilianische Journalist und Historiker Dr. Carlos H. Oberacker Jr. *Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 37/38, p. 15-29, 1989/1990.

TAVARES, A. de Lyra. *Quatro anos na Alemanha ocupada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1951.

VIOLANTE, João Luís Mousinho dos Santos Monteio. *O caso Ellwanger e seu impacto no direito brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Católica de São Paulo, 2010.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2004.

_____. As comemorações da imigração no Rio Grande do Sul: o 25 de julho, uma data e muitas histórias. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo: UNISINOS, vol. 5, n. 10, p. 187-202, 2013.

WOLFF, Martin. *Die Stellung der ethnischen Presse im Prozess der Identitätskonstruktion ihrer Leser: eine inhaltsanalytische Untersuchung am Beispiel der Brasil-Post*. Hamburgo/Alemanha: Verlag Dr. Kovač, 2010.